

COIMBRA • 2016

61

BOLETIM DE

**ESTUDOS
CLÁSSICOS**

ASSOCIAÇÃO
PORTUGUESA
DE ESTUDOS
CLÁSSICOS

INSTITUTO
DE ESTUDOS
CLÁSSICOS

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

TESES UNIVERSITÁRIAS DOS SÉCS. XVI-XVIII

ACADEMIC THESES FROM 16TH-18TH CENTURIES

ARMANDO SENRA MARTINS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA E LITERATURAS
UNIVERSIDADE DE ÉVORA
adsm@uevora.pt

Resumo: Com a invenção da imprensa a *disputatio* da tradição universitária medieval transformou-se em um género importante, nomeadamente, pelo seu valor iconográfico, científico e histórico quer para a história da pedagogia e da universidade, quer para a história de disciplinas como a filosofia, a teologia, a física entre outras. Neste artigo apresenta-se a tese enquanto texto impresso e enquanto acto académico. Também são tratadas questões de autoria e da evolução dos conteúdos.

Palavras-chave: teses; Jesuítas; universidade (sécs. XVI-XVIII); Aristóteles; literatura neolatina.

Abstract: With the invention of print the medieval university tradition of the *disputatio* becomes an important genre, namely, on account of its iconographic, scientific and historical value both for the history of pedagogy and for the history of the university, and for the history of disciplines such as philosophy, theology, physics among others. In this article the thesis is presented as a printed text and as an academic act. Questions of authorship and evolution of its contents are also addressed.

Keywords: theses; Jesuits; university (16th-18th centuries); Aristotle; neolatin literature.

Embora a tradição medieval já colocasse a *disputatio* em lugar de relevo, a instituição universitária moderna, em geral, e o ensino jesuítico, em particular, consagraram-na principalmente sob uma forma discursiva específica: a tese. A respeito do apreço que o sistema pedagógico tinha pelas várias formas de *disputatio*, é significativo o aforismo do projecto da *Ratio Studiorum* de 1586: uma *disputatio* vale mais do que várias *lectiones* (*disputationem unam plus prodesse, quam lectiones multas*).¹ No entanto, o contributo decisivo no que toca à ampla difusão da tese foi o da imprensa. As primeiras impressões de teses datam do início do séc. XVI, em Itália. A partir daí, multiplicaram-se as impressões e, sobretudo, a forma tipográfica e textual da tese evoluiu de tal forma quer em termos de sofisticação no *layout* gráfico quer em termos de conteúdo que se torna difícil definir o género se não pela característica, patente no título, de estar associado a uma defesa pública (independentemente de ter ou não em vista a obtenção de um grau). Um testemunho do entusiasmo pela publicação de teses entre os Jesuítas é-nos dado pela recomendação de um visitador de uma província alemã, em 1604:

Theses Theologicae in forma libelli non edantur, nisi cum disputandum est pro licentia: reliquis disputationibus vel scribantur, vel edantur in folio patenti: ne et praeceptores nimio labore, et disputantes nimio sumptu grauentur.²

As teses de teologia não sejam editadas em forma de livrinho, a não ser que se tenha de disputar para obter a licença: nas restantes

1 Lukács 1986: 74.

2 Lehrbach 1890: 180.

disputas ou se escrevam ou se editem em fólio aberto, para que os professores não fiquem sobrecarregados com demasiado trabalho e os disputantes com demasiado gasto.

Uma tese impressa era um sinal de prestígio e continha algumas semelhanças com a actual vaga de *self-publishing*. Na verdade, estudantes que, na maior parte dos casos, nunca mais publicariam alguma obra tinham ali o ensejo de ver o seu nome impresso.

As teses têm interesse sob vários pontos de vista: em primeiro lugar, como espécie bibliográfica que acompanhou a evolução da arte tipográfica;³ em segundo lugar, pelo seu enorme valor iconográfico (vertente que tem merecido a atenção de historiadores da arte); por último, como um documento para a história das ideias e da cultura, em geral, e, mais especificamente, das várias disciplinas científicas a que dizem respeito.

Na sua maioria, as teses são escritas em língua latina, no entanto o uso da língua vernácula também se encontra documentado, sobretudo em teses de matemática. Na verdade, nos âmbitos da filosofia, da teologia e do direito, o latim permaneceu quase incontestado pelo séc. XVIII adentro. Só no final do séc. XVII podemos ver Christian Thomasius e Leibniz ensaiarem uma oposição ao uso da língua latina (bem como ao uso do francês) no domínio da filosofia e proporem em sua substituição a língua alemã.⁴

Quais as características que definem uma tese? Se atentarmos no título, será difícil identificá-la, tal é a variedade de termos que aparecem: *dissertatio* ou *disputatio*; e, mais frequentemente, um plural como *theses*, *quaestiones*, *conclusiones*, *positiones*, *assertiones*, *controuersiae*,

3 À falta de uma indicação certa sobre a origem das notas de rodapé — questão a que não responde o livro de Anthony Grafton, *The footnote a curious history*, 1997, — pode dizer-se que este tipo de artifício tipográfico é usado em teses desde, pelo menos, a segunda metade do séc. XVII. É bem possível que tenha sido uma invenção tipográfica propositadamente feita para este tipo de textos.

4 Cf. Pietsch 1908: 269 ss.

propositiones, quaesita, resolutiones. observationes. A identificação torna-se mais árdua com a introdução do gosto barroco e da sua tendência para as alegorias e os títulos figurativos e rebuscados como *aenigma* (enigma), *triumphus ueritatis* (triunfo da verdade), *topiarium* (jardim com arbustos talhados em formas esculturais), *arx* (cidadela), *lapides fundamentales scientiae rationalis* (pedras fundamentais da ciência racional).⁵ Em português e em espanhol a designação mais comum é a de ‘conclusões’.⁶

Em muitos casos, e a observação é válida ao longo dos três séculos a que nos cingimos, a tese impressa funcionava como o cartaz de publicitação do evento que era a defesa. Como que se subordinava o texto escrito à oralidade da defesa; a racionalidade do texto escrito às múltiplas dimensões sociais (e cerimoniais) que ligavam não apenas uma comunidade académica no seu interior, mas se estendiam para o mundo exterior (ao poder político e eclesiástico, nomeadamente).

Tomemos como ponto de partida uma tese impressa em 1572, em Évora, saída dos prelos de André de Burgos, que exemplifica a fase embrionária deste tipo de textos em Portugal.⁷ A tese apresenta-se em fólio de 30 cm de altura,⁸ com um elemento gráfico apenas (o monograma da Companhia), seguido de título; uma questão a servir

174

5 Outros títulos podem ler-se em Gomes 1961: 397.

6 Entre outros lugares da obra de Vieira veja-se a *Exortação primeira em véspera do Espírito Santo*, ao evocar a catequese administrada aos Índios: “porque ali não se quebram os peitos com escrituras, [...] nem dão cuidado argumentos, nem disputas, nem conclusões, que se hão de defender ou impugnar.” (Vieira 1959: 393)

7 Reprodução digital disponível em <<http://purl.pt/14940>> (consultado em 25-11-2016).

8 A descrição da Biblioteca Nacional Digital diz que se trata de dois fólhos. É mais provável, porém, que se trate de um só fólio dobrado na encadernação. A impressão em fólio único (ou *folium patens* como lhe chamam por vezes os textos da Companhia de Jesus) era a mais simples e permitia dois *layouts* diferentes, i.e., com texto em duas colunas (com o fólio deitado) ou em coluna única (com fólio ao alto). Exemplos de um e outro *layout*, sem dobra na encadernação posterior, podem ver-se na Biblioteca Pública de Évora (e.g. BPE séc. XVI 4615, com impressão em fólio ao alto, e BPE séc. XVI 4590, com fólio deitado).

de subtítulo; o texto, bastante desenvolvido, das 9 asserções defendidas, devidamente numeradas; a indicação da resposta à questão do subtítulo; e, por último, as informações de responsabilidade e informações editoriais na posição correspondente ao colofão dos livros. Transcrevo apenas o início e o final da tese (omitindo o texto das asserções):

Assertiones dialecticae. / Quaestio. / Vtrum numerus sit species quantitatis? / [...]

/ Quaestioni responde 3. assertio. /

Defendet D[ominus] Fernandus Martinz Mascarenhas, praeside / praepceptore suo M[agistro] Fernando Rebello Societatis / Iesu. Ehora die 27 Martii 1572. / Eas etiam praeuidit sapientissimus D[ominus] Petrus Paulus / Ferrer huius Eborensis Academiae Cancellarius.

Asserções dialécticas. Questão: será o número uma espécie de quantidade? [...] Responde à questão a terceira asserção. Defenderá o Senhor Fernando Martins Mascarenhas, presidindo o seu professor, Mestre Fernando Rebelo da Companhia de Jesus. Évora, dia 27 de Março de 1572. Examinou ainda estas asserções o Sapientíssimo Senhor Pedro Paulo Ferrer, Chanceler desta Universidade de Évora.

175

Trata-se de um exemplar bastante incipiente, pelo menos para Portugal, deste tipo de textos. Como se poderá verificar pela reprodução da Biblioteca Nacional Digital, a área de impressão é dominada pelo texto. O texto, por sua vez, quase nem apresenta variações tipográficas (que poderiam ser o uso de versaletes, de itálicos, de diferentes tamanhos de tipo de letra...). O título à cabeça não deixa dúvidas sobre o conteúdo: asserções (i.e. teses) defendidas no âmbito da matéria da dialéctica. Teses posteriores exibirão uma complexidade gráfica muito maior e um nível artístico superior que se podem

ver mais claramente, e para dar apenas dois exemplos, nas diversas impressões com gravuras de Elias Christoph Heiss (1670-1731) e de Bartholomäus Kilian (1630-1696).⁹

Para identificar uma tese há que ler a frase, por vezes, longa do título na qual constam vários elementos. Tome-se o seguinte exemplo que, em contraste com o anterior, apresenta múltiplas variações tipográficas:

176

POETICÆ ²²
FACULTATIS
AMPHITHEATRUM,
IN QUO
OMNIGENÆ ERUDITIONIS
SPECTACULA
POLITIORIBUS
EXHIBENTUR INGENIIS:
DIRIGENTE
P. Mag.
EMMANUELE DE
AZEVEDO
Societ. JESU, Rhetorices Professore;
EXPLANATURUS
JOANNES TEIXEIRA DE
CARVALHO,
In Regali Purificatæ Virginis Collegio Convictor,
Et in Militari Christi Ordine Eques Professus,
Eborensi Academia Spectante in Aula Regia, integra die 24. Maij.
ANNUIT
R. P. AC S. D.
JOANNES GARCAM
Societ. JESU, Academiæ Cancellarius.

QUÆSTIO HONORARIA:
*Quid Musis gloriæ: Angustissimæ Regine laudibus ancillari; an
illius patrocinio ad summum gloriæ thronum conscendere?*

⁹ Ver Appuhn-Radtke 1988. A Biblioteca Nacional de Praga tem várias teses impressas com gravuras de Elias Christoph Heiß que estão disponíveis em formato digital (e.g. <http://aleph.nkp.cz/F/?func=direct&doc_number=000021154&local_base=STT> 25-10-2016).

TRANSCRIÇÃO E TRADUÇÃO

Poeticae Facultatis Amphitheatrum, in quo omnigenae eruditionis spectacula politioribus exhibentur ingeniis dirigente P[at]re Mag[istro] Emmanuele de Azevedo Societ[at]is Jesu, Rhetorices Professore, explanaturus Joannes Teixeira de Carvalho, in Regali Purificatae Virginis Collegio conuictor, et in Militari Christi Ordine eques professus, Eborensi Academia spectante in Aula Regia, integra die 28 Maii, Annuit R[euerendissimus] P[at]er ac S[apientissimus] D[ominus] Joannes Garçam Societ[at]is Jesu Academiae Cancellarius.

Quaestio honoraria:

Quid Musis gloriosius: Augustissimae reginae laudibus ancillari; an illius patrocinio ad summum thronum conscendere?

Anfiteatro da faculdade poética, em que serão exibidos pelos mais cultos engenhos espetáculos de toda a espécie de erudição, sob a orientação do Padre Mestre Manuel de Azevedo, da Companhia de Jesus, Professor de Retórica. Exporá João Teixeira de Carvalho, aluno interno do Real Colégio da Purificação, e cavaleiro professo da Ordem Militar de Cristo, perante a assistência da Universidade de Évora na Aula Régia, durante todo o dia 28 de Maio. Deu permissão o Reverendíssimo Padre e Sapientíssimo Senhor João Garção, Chanceler da mesma universidade.

Questão de honra

O que é mais glorioso para as Musas: servir a augustíssima Rainha com louvores; ou, com o seu patrocínio, subir ao mais alto trono da glória?

Na longa frase do título não aparece a palavra *conclusio* ou qualquer outra semelhante que identifique claramente a obra como teses. Estamos perante um título que obedece ao gosto barroco da espectacularidade: a tese transforma-se em *amphitheatrum* para a exibição da faculdade poética. Ainda na primeira oração do título vários papéis

parecem compartilhar a responsabilidade intelectual: primeiro, os mais cultos engenhos que apresentarão os espectáculos, e que são os alunos; o professor, Manuel de Azevedo, a quem cabe a orientação, aparece discretamente no ablativo absoluto (*dirigente ... professore*); em contrapartida, o defendente ou, de acordo com o termo aqui usado, aquele que irá expor ou explicar (*explanaturus*) as teses é o aluno João Teixeira de Carvalho, que era um estudante interno (*conuictor*) de um colégio (o da Purificação, em Évora), e que frequenta aulas fora desse colégio; a última responsabilidade mencionada é a do Chanceler da Universidade, João Garção, que, com a sua autoridade, garante a conformidade da doutrina defendida nas teses. A indicação de data, ao contrário do que é habitual, diz que a exposição se prolongará pelo dia inteiro. Surpreendentemente também, não há quaisquer indicações de lugar e data de impressão.

A questão que remata a página de título é feita por deferência para com a pessoa da dedicatária, a rainha Maria Ana de Áustria, mulher de D. João V. São muito comuns estas perguntas que subentendem um obsequioso elogio aos dedicatários. Neste caso, com uma dupla interrogação o autor sugere a afirmação que serve de cumprimento à rainha: só a menção da personagem real como patrono é garantia de agrado às musas.

Estas teses têm a particularidade de o seu âmbito disciplinar ser pouco usual: poesia. Os exemplos que aí se podem ler são indicativos da literatura apreciada nas escolas jesuíticas, nomeadamente: poesia epigramática clássica (Marcial) e contemporânea (Bernard Bauhuis, John Owen, Pierre Juste Sautel); Francisco Quevedo; Camões; poesia gráfica.

Uma das questões mais debatidas a respeito das teses é a da autoria. O autor é o aluno que defende ou o professor que preside?¹⁰ Para o âmbito português e jesuítico a questão é posta em termos muito claros por

10 Na verdade, é muito comum haver mais do que uma ou duas responsabilidades intelectuais na elaboração de uma tese, nomeadamente, nos casos em que apresentam ilustrações, emblemas, ou apenas o texto em caligrafia. Essas intervenções são assinaladas por verbos latinos como, por exemplo: *inuenit* (para o pintor ou desenhador), *sculpsit* (gravador), *scripsit* (autor da caligrafia).

João Pereira Gomes: o autor é o professor. Vejamos o exemplo dado pelo próprio João Pereira Gomes, as teses defendidas em Évora, em 1754, por diferentes candidatos, todos sob a presidência de Sebastião de Abreu, professor da mesma universidade.¹¹

Ill[ustriss]mo ac Ex[cellentiss]mo / Domino Aloysio Vasques / da Cunha de Ataide, / Comite, ac Domino de Povolide, / Regiae Majestatis à Consiliis, / Serenissimi Infantis / Domini D. Antonii / Cubiculario Intimo etc. etc. / Patrono, et Auspice, / Conclusiones / Philosophicas, / Praeside P[ater] Sebastiano De Abreu S. J. / publico philosophiae professore, / propugnabit / Franciscus da Cunha / et / Bernardus Okelhi ejusdem societatis / in aula academica eborensi integra die [espaço em branco] martii. / Approbavit R[everendissimus]. P[ater] ac S[apientissimus] D[ominus] / Didacus Pacheco S. J. / Academiae Cancellarius. / Problemata: / I. Quodnam ex Mundi Systematis aliis sit praefendum? / II. An possibilis naturaliter sit Chrysopoëia? / Eborae. / Typis Academicis Anno Domini M. DCC. LIV, Sup[eriorum] permiss[u].

179

Sob o patrocínio e os auspícios do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Luís Vasques da Cunha de Ataíde, Conde e Senhor de Povolide, conselheiro de Sua Majestade o Rei, cubulário íntimo do Sereníssimo Infante D. António, etc etc, e sendo presidente o Padre Sebastião de Abreu S. J., Professor Público de Filosofia, Francisco da Cunha e Bernardo Okheli, da mesma Companhia, defenderá Conclusões de Filosofia, na Régia e Pontifícia Aula da Universidade de Évora, durante todo o dia [espaço em branco] de Março. Aprovou o Reverendíssimo Padre e Sapientíssimo Senhor Diogo Pacheco S. J., Chanceler da Universidade. Problemas: I. qual o sistema do mundo que deve ser preferido aos outros? II. É naturalmente possível a arte da alquimia? Évora, na Imprensa da Universidade no ano do Senhor MDCCLIV. Com permissão dos Superiores.

11 Gomes 1961: 404 s.

Abstraindo do jogo tipográfico com os tamanhos de letra, que se destinava a pôr em relevo cada uma das personagens mencionadas, a começar pelo dedicatário (intitulado *patronus*), a frase latina coloca o candidato como sujeito e com uma forma verbal no futuro (*propugnabit*) que pretende respeitar o protocolo destas impressões (cronologicamente a impressão deve preceder, como anúncio, a defesa). No entanto, o autor da tese não está nesse sujeito gramatical, mas antes no ablativo absoluto, *praeside P. Sebastiano de Abreu S. J., publico philosophiae professore*. Estas teses, tal como demonstrou Pereira Gomes, encontram-se em vários exemplos cuja diferença está apenas nos elementos paratextuais (página de rosto, prefácios), tudo o mais é igual. As diferenças mais importantes são os dedicatários, os candidatos e o problema escolhido para a página de rosto. Isso quer dizer que o autor das teses era, efectivamente, o professor. Acrescento apenas que o conteúdo da tese não é uma selecção de questões, mas antes a súmula do que foi exposto ao longo do ano. O primeiro dos problemas é significativo do estado a que chegara a filosofia nas escolas jesuíticas em Portugal, pois a pergunta pelos sistemas do mundo refere-se à pluralidade de sistemas filosóficos (e científicos) que se impusera no séc. XVIII: Descartes ou Newton? Aristóteles ou algum dos modernos? É precisamente a essa dificuldade que alude a admoção ao leitor:

Sua sibi laus, quam maximam meretur, integra maneat Aristoteli: at liberum nobis esse existimamus, etiam non inuitis seuerioribus peripateticae doctrinae mystis, ab aliquibus minoris notae huiusce philosophi placitis aliquando deflectere: tum, quia ueritatem in omnibus assequi plusquam humanum est; cum etiam, quia Arabum uel inscitia, uel oscitantia factum, ut pro germana Aristotelis doctrina quisquiliis ex propria penu depromptas nobis obrudi oculatiores huius aevi philosophi deprehenderint: quod de Auerroë notat P. Regnault. [...]

Ad ordinem quod attinet: inutilia omnino reseuimus, eaque tantum in medium asserimus, quae a politioribus //f. 5 v/ nunc temporibus philosophis approbantur, dummodo sanctissimae, quibus obligantur, leges, sartae, tectaeque maneant. Saepe, ubi nihil uero simile decidi potest, a ferenda

*sententia abstinemus, doctam ignorantiam indoctae scientiae antepontes,
ut facete ludit Gravesandius.*

Mantenha Aristóteles toda a sua fama, que merece no mais alto grau. Nós, contudo, tomámos a liberdade, e também sem contrariedade dos mais rígidos iniciados na doutrina dos Peripatéticos, de nos afastarmos pontualmente de algumas opiniões de menor importância deste filósofo, fosse porque é mais do que humano em tudo procurar a verdade fosse porque em virtude da ignorância ou negligência dos Árabes aconteceu que os filósofos mais perspicazes do nosso tempo viram em vez da autêntica doutrina de Aristóteles que se nos depavaram aparas saídas da própria dispensa [do comentador].¹²

Quanto à ordem cortámos todas as matérias inúteis, e expomos apenas aqueles que recebem aprovação dos mais eruditos filósofos do nosso tempo, contanto que as leis mais sagradas, a que estamos obrigados, permaneçam intactas e defendidas. Não raro, sempre que não se pode determinar a verdade, abstivemo-nos de tomar uma posição, preferindo a douda ignorância ao saber, como ironiza com humor Gravesand.¹³

181

Para chegar a estas afirmações cautelosas houve, sem dúvida um grande percurso, mas elas mostram uma evolução no ensino da filosofia em pleno século XVIII.

12 A ideia, conforme Sebastião de Abreu admite, vem de Regnault: “L'on s'est aperçu qu'Averroës ayant fait son Commentaire sans sçavoir le grec, avoit donné beaucoup de ses pensées pour celles d'Aristote; et il cessa dans le dernier siècle d'être un oracle.” (Regnault 1734: 139)

13 O passo da obra de Gravesande, identificada em nota de rodapé e à qual Sebastião Abreu atribui a data de 1719, é este: *docta indoctae scientiae antepontenda ignorantia*. (Gravesande 1720: [p. 2]). Segue-se ainda na mesma nota de rodapé uma citação da edição latina de *The Sceptical Chymist* de Robert Boyle, onde este afirma que não se envergonhava de não saber e que preferia confessar a dúvida do que gloriar-se de saber quando ignorava: *Ego uero agnoscere non erubesco, multo minus grauate me fateri, quod dubito, quando dubito, quam iactare me scire quod nescio* (Boyle 1680: 1).

Outros aspectos mereceriam ser considerados aqui como o valor iconográfico das teses, a relação com outros géneros académicos, a recepção destes textos em fontes contemporâneas (nomeadamente, gazetas). No entanto, cremos ter demonstrado que as teses se afirmam, por um lado, como um meio de comunicação muito peculiar não apenas no seio da academia como também entre esta e o público, e, por outro, como um documento da evolução do ensino universitário.

BIBLIOGRAFIA

Appuhn-Radtke, S. (1988), *Das Thesenblatt im Hochbarock. Studien zu einer graphischen Gattung am Beispiel der Werke des Bartholomäus Kilians*. Weifshorn.

Boyle, R. (1680), *Chymista Scepticus*. Genevae.

Freedman, J. S. (2006), "Disputations in Europe in the early modern period," in D. D. Breimer et al. (2005), *Hora est!: on dissertations. Catalogue of an exhibition in Leiden University Library, December 8, 2005-February 4, 2006*. Leiden: 30-50.

Gomes, J. P. (1960), *Os Professores de Filosofia da Universidade de Évora*. Évora.

Gomes, J. P. (1961) "As teses e o problema da sua autoria," *Brotéria* 73: 397-427.

Gravesande, W. J. (1720). *Physices elementa mathematica, experimentis confirmata*. Leiden.

Lehrbach, K. (1890), *Monumenta Germaniae Paedagogica. Band IX: Ratio Studiorum et Institutiones scholasticae Soc. J.*. Berlin.

Meyer, V. (1993), "Les thèses, leur soutenance et leurs illustrations," *Mélanges de la bibliothèque de la Sorbonne* 12: 45-109.

Lukács, L. ed. (1986), *Monumenta Paedagogica Societatis Iesu. V: Ratio atque Institutio Studiorum Societatis Iesu (1586 1591 1599)*. Romae, 1986.

Noël, R. (1734), *L'origine ancienne de la physique nouvelle*. Paris, t. I.: 139

Pietsch, P. (1907), "Leibniz und die deutsche Sprache", *Wissenschaftliche Beihefte zur Zeitschrift des Allgemeinen Deutschen Sprachvereins* 30: 313-356.

Vieira, Padre A. (1959), *Sermões*, vol. 5. Porto.